

FREDRIK BACKMAN

A MINHA AVÓ  
PEDE DESCULPA

Tradução de Elsa T. S. Vieira

# 1

## Tabaco

Todas as crianças de sete anos merecem ter um super-herói. É mesmo assim. Quem não concordar precisa de um exame à cabeça.

Pelo menos, é o que acha a Avozinha de Elsa.

Elsa tem sete anos, a caminho dos oito. Sabe que não é lá muito boa nisto de ter sete anos de idade. Sabe que é diferente. O diretor da escola diz que ela tem de «entrar na linha» para poder alcançar «uma melhor integração com os seus pares». Alguns adultos descrevem-na como sendo «muito madura para a idade». Elsa considera que isso é apenas outra maneira de lhe chamar «terrivelmente chata para a idade»: regra geral, só lho dizem quando ela os corrige por pronunciarem mal *déjà vu* ou por não saberem a diferença entre «há» e «à». Isto costuma acontecer normalmente com os que têm a mania de que são espertos e daí o comentário «madura para a idade» acompanhado do sorriso forçado na direção dos pais dela. Como se Elsa tivesse uma deficiência mental ou os humilhasse por não ser completamente burra aos sete anos. É por isso que não tem amigos além da Avozinha – todas as outras crianças de sete anos da sua escola são tão idiotas como as crianças dessa idade costumam ser. Na escola, Elsa é a única criança diferente.

A Avozinha diz que ela não devia dar importância às palavras desses anormais. Afinal, todas as melhores pessoas são diferentes – basta pensar nos super-heróis. Ao fim e ao cabo, se os superpoderes fossem normais, toda a gente os teria.

A Avozinha tem setenta e sete anos de idade, a caminho dos setenta e oito. Também não tem muito jeito para ter a idade que tem.

Vê-se que é velha porque a sua cara parece papel de jornal enfiado dentro de sapatos molhados, mas nunca ninguém a acusa de ser madura para a idade. «Atrevida», comentam às vezes as pessoas com a mãe de Elsa, com ar bastante preocupado ou bastante zangado, enquanto a Mamã suspira e pergunta quanto deve pelos estragos. Ou quando os cigarros da Avozinha fazem disparar os alarmes de incêndio no hospital e ela começa a vociferar que «tem de ser tudo tão politicamente correto hoje em dia» enquanto os seguranças a obrigam a apagar o cigarro. Ou daquela vez em que fez um boneco de neve mesmo por baixo da varanda de Britt-Marie e Kent e o vestiu com roupas de adulto para parecer que uma pessoa tinha caído do telhado. Ou daquela vez em que uns homens de ar muito seletos e óculos começaram a tocar às campainhas porque queriam falar sobre Deus, Jesus e o Céu, e a Avozinha se pôs na varanda, com o roupão aberto a esvoaçar, e disparou sobre eles com a sua arma de *paintball* – Britt-Marie não conseguia decidir se estava mais irritada com a arma de *paintball* ou com o facto de a Avozinha não ter nada vestido por baixo do roupão, mas por via das dúvidas apresentou queixa das duas coisas à polícia.

É por isto, pensa Elsa, que as pessoas acham a Avozinha atrevida para a idade.

Também julgam que a Avozinha é louca, embora na verdade ela seja um génio. Simplesmente, é também um bocadinho doida. Foi médica, ganhou prémios, vários jornalistas escreveram artigos sobre ela e esteve nos sítios mais terríveis do mundo quando todas as outras pessoas de lá saíam. Salvou vidas e combateu o mal em todos os cantos da Terra. Tal como os super-heróis.

Porém, um dia, alguém decidiu que ela estava demasiado velha para salvar vidas, embora Elsa tenha fortes suspeitas de que aquilo que na realidade queriam dizer era que ela era «demasiado louca». A Avozinha refere-se a esse alguém como «Sociedade» e diz que só não pode continuar a fazer incisões em pessoas porque hoje em dia tudo tem de ser politicamente correto. Que, na realidade, o principal problema foi a Sociedade levar demasiado a sério a proibição de fumar nos blocos operatórios; e quem é que consegue trabalhar nessas condições?

Assim, agora passa a maior parte do tempo em casa, a dar cabo do juízo de Britt-Marie e da Mamã. Britt-Marie é a vizinha da Avozinha, a Mamã é a mãe de Elsa. Britt-Marie também é vizinha da mãe de Elsa, porque a mãe de Elsa vive ao lado da avó de Elsa. Como é óbvio, Elsa, que vive com a mãe, vive ao lado da Avozinha. Exceto fim de semana sim, fim de semana não, quando fica com o Papá e com Lisette. E, claro, George também é vizinho da Avozinha, porque vive com a Mamã. É um bocado confuso.

Seja como for, voltando ao assunto: salvar vidas e dar com as pessoas em doidas são os superpoderes da Avozinha. O que talvez faça dela uma super-heroína um pouco *disfuncional*. Elsa sabe o que significa porque procurou a palavra na Wikipédia. As pessoas da idade da Avozinha descrevem a Wikipédia como «uma enciclopédia, mas na *net*», ao passo que Elsa descreve as enciclopédias como «a Wikipédia, mas analógica». Elsa, que procurou «disfuncional» em ambos os sítios, sabe que significa que alguma coisa não está a funcionar como devia. O que é uma das suas características preferidas na Avozinha.

Exceto talvez hoje. Porque é uma e meia da manhã e Elsa, que está bastante cansada, gostaria mesmo de voltar para a cama. Só que isso não vai acontecer porque a Avozinha atirou cocó a um polícia.

É complicado.

Elsa olha em volta da pequena sala retangular e boceja com a boca tão aberta que parece que está a tentar engolir a própria cabeça.

– Eu *avisei-te* para não saltares a cerca – murmura, olhando para o relógio.

A Avozinha não lhe responde. Elsa tira do pescoço o cachecol dos Gryffindor e coloca-o no colo. Nasceu no dia a seguir ao dia de Natal, há sete anos, quase oito. No mesmo dia em que uns cientistas alemães registaram a emissão de radiação gama mais forte de sempre, proveniente de um magnetar acima da Terra. Um magnetar é uma espécie de estrela de neutrões, seja lá isso o que for. O nome faz lembrar a Elsa o do Megatron, o vilão dos Transformers, algo que os imbecis que não leem literatura de qualidade suficiente consideram ser «um programa para crianças». Na realidade, os Transformers

são robôs, mas, se olharmos para eles de forma académica, podem também enquadrar-se na categoria de super-heróis. Elsa interessa-se muito tanto pelos Transformers como pelas estrelas de neutrões, e imagina que uma «emissão de radiação gama» deve ser mais ou menos como daquela vez em que a Avozinha entornou *Fanta* no *iPad* de Elsa e tentou secá-lo na torradeira. A Avozinha diz que o facto de ter nascido num dia como esse torna Elsa especial. E que ser especial é a melhor maneira de se ser diferente.

A Avozinha está entretida a distribuir pequenos montinhos de tabaco em cima da mesa de madeira à sua frente, e a enrolá-los em mortalhas finas para fazer cigarros.

– Eu disse que te avisei para não saltares a cerca!

A Avozinha solta uma fungadela desdenhosa e procura um isqueiro nos bolsos do sobretudo demasiado grande. Não parece estar a levar nada disto muito a sério, sobretudo porque nunca parece levar nada a sério. Exceto quando quer fumar e não encontra um isqueiro.

– Era uma cercazinha tão pequena, por amor de Deus! – exclama com desenvoltura. – Não é motivo para tanta confusão.

– Não me venhas com «por amor de Deus»! Tu é que atiraste merda à polícia.

– Para de me azucrinar. Pareces a tua mãe. Tens lume?

– Tenho sete anos!

– Durante quanto tempo vais continuar a usar essa desculpa?

– Até deixar de ter sete anos?

A Avozinha resmungua qualquer coisa que parece ser: «Não é crime perguntar, pois não?», e continua a remexer nos bolsos.

– Na verdade, acho que não se pode fumar aqui – informa Elsa, agora mais calma, enfiando o dedo no rasgão comprido no cachecol dos Gryffindor.

– Claro que se pode fumar. Abrimos uma janela.

Elsa olha para as janelas, desconfiada.

– Não me parece que estas janelas sejam das que abrem.

– Porque não?

– Têm grades.

A Avozinha lança um olhar furioso às janelas, aborrecida. E depois, a Elsa.

– Então agora nem sequer se pode fumar numa esquadra da polícia? Valha-me Deus. É como viver no livro *1984*.

Elsa boceja outra vez.

– Emprestas-me o teu telemóvel?

– Para quê?

– Para ver uma coisa.

– Onde?

– *Online*.

– Investes demasiado tempo nessa coisa da *internet*.

– Queres dizer «gastas».

– Desculpa?

– Não se usa a palavra «investir» nesse sentido. Não dirias: «Investi duas horas a ler *Harry Potter e a Pedra Filosofal*», pois não?

A Avozinha revira os olhos e passa-lhe o telemóvel.

– Já ouviste falar na menina que explodiu porque pensava de mais?

O polícia que entra na sala com passo arrastado parece muito, muito cansado.

– Quero ligar ao meu advogado – exige a Avozinha imediatamente.

– Quero ligar à minha mãe! – exige Elsa com a mesma rapidez.

– Nesse caso, quero ligar ao meu advogado *primeiro*! – insiste a Avozinha.

O polícia senta-se em frente delas e mexe num pequeno monte de papéis.

– A tua mãe vem a caminho – diz a Elsa, com um suspiro.

A Avozinha solta uma exclamação dramática, daquelas de que só ela é capaz.

– Porque é que lhe ligou? Está maluco? – protesta, como se o polícia tivesse dito que ia deixar Elsa na floresta aos cuidados de uma alcateia de lobos. – Ela vai ficar furiosa!

– Temos de chamar a guardiã legal da criança – explica o polícia com toda a calma.

– *Eu* também sou a guardiã legal da criança! Eu sou a *avó* da criança! – exclama a Avozinha fora de si, soerguendo-se da cadeira e agitando o cigarro apagado de forma ameaçadora.

– É uma e meia da manhã. Alguém tem de tomar conta da menina.

– Sim, eu! *Eu* estou a tomar conta da menina! – explode ela.

Com um gesto abrangente, o polícia abarca toda a sala de interrogatório, esforçando-se por manter um tom amistoso, embora sem grande sucesso.

– E como acha que isso está a correr até agora?

A Avozinha parece um pouco ofendida.

– Bom... estava a correr tudo muitíssimo bem até o senhor começar a perseguir-me.

– Entrou de forma ilegal num jardim zoológico.

– Era uma cercazinha *minúscula*...

– Não há assaltos «minúsculos».

A Avozinha encolhe os ombros e faz um gesto largo com a mão por cima da mesa, como se achasse que a conversa já se prolongara tempo de mais. O polícia repara no cigarro e fita-o, desconfiado.

– Oh, vá lá! Posso fumar aqui, não posso?

Ele nega, abanando a cabeça com ar severo. A Avozinha inclina-se para a frente, fita-o nos olhos e sorri.

– Não pode abrir uma exceção? Nem mesmo para uma velhinha?

Elsa dá uma cotovelada na Avozinha e começa a falar-lhe na língua secreta. A Avozinha e Elsa têm uma língua secreta, como todas as avós devem ter com os netos; a lei assim o exige, segundo a Avozinha. Ou, se não exige, devia exigir.

– Para com isso, Avozinha. É... é ilegal namoriscar com polícias.

– Quem disse?

– Bom, a polícia, em primeiro lugar! – responde Elsa.

– A polícia existe para os *cidadãos* – sussurra a Avozinha. – Eu pago os meus impostos, sabes?

O polícia olha para elas como qualquer pessoa olharia para uma criança de sete anos e uma velha de setenta e sete que começaram a discutir numa língua estranha, numa esquadra da polícia, a meio da noite. A Avozinha pestaneja de forma sedutora e aponta mais uma vez para o cigarro com expressão suplicante, mas, quando o agente abana a cabeça, recosta-se na cadeira e exclama em língua normal:

– Por favor, esta coisa do politicamente correto! Hoje em dia, neste raio de país, é pior do que o *apartheid* para os fumadores!

– Como se escreve isso? – pergunta Elsa.

– O quê? – A Avozinha suspira, tal como faria qualquer pessoa que tivesse o mundo inteiro contra si, apesar de pagar impostos.

– Essa coisa do *apartheid* – esclarece Elsa.

– A-p-p-a-r-t-e-i-d – soletra a Avozinha.

De imediato, Elsa procura a palavra no Google, usando o telemóvel da Avozinha. São precisas algumas tentativas: a Avozinha sempre foi terrível a soletrar. Entretanto, o polícia explica que decidiram deixá-las sair em liberdade, mas que a Avozinha será chamada numa data posterior para explicar o assalto e «outras agravantes».

– Que agravantes?

– Bom, conduzir ilegalmente, para começar.

– Ilegalmente? Como assim? O carro é meu! Não preciso de autorização para conduzir o meu próprio carro, pois não?

– Não – responde o polícia com toda a paciência –, mas precisa de uma carta de condução.

A Avozinha levanta as mãos, exasperada. Acaba de se lançar em mais uma tirada sobre «esta sociedade Big Brother» quando Elsa bate com o telemóvel em cima da mesa.

– Não tem NADA a ver com isso do *apartheid*!!! Comparaste não poder fumar com o *apartheid* e não é a mesma coisa. Nem de LONGE!

A Avozinha agita a mão, resignada.

– O que eu queria dizer era... sabes, mais ou menos como isso...

– Nem pouco mais ou menos!

– Era uma metáfora, por amor de Deus...

– Uma metáfora de porcaria!

– Como é que sabes?

– WIKIPÉDIA!

A Avozinha vira-se para o polícia com ar derrotado.

– Os seus filhos também são assim?

O polícia parece ficar pouco à vontade.

– Nós... não deixamos as crianças navegarem na *net* sem supervisão...

A Avozinha estica os braços para Elsa, num gesto que parece querer dizer: «Estás a ver?» Elsa abana a cabeça e cruza os braços com determinação.



– Avozinha, pede desculpa por teres atirado cocó ao polícia e podemos ir para casa – pede na língua secreta, embora dê para perceber que ainda está irritada com a história do *apartheid*.

– Desculpa – pede a Avozinha na língua secreta.

– Ao polícia e não a mim, sua anormal.

– Não vou pedir desculpa a fascistas. Pago os meus impostos. E *tu* é que és uma anormal. – Agora amuou.

– Quem diz é quem é.

E ficam ambas sentadas, de braços cruzados, ignorando-se ostensiva e mutuamente, até que a Avozinha acena com a cabeça na direção do polícia e diz, em língua normal:

– Importa-se de informar a mimada da minha neta que, se insistir nesta atitude, bem pode ir a pé para casa?

– Comunique à minha avó que vou para casa com a Mamã e *ela* é que vai a pé! – riposta Elsa de imediato.

– Explique-LHE que...

O polícia levanta-se sem uma palavra, sai da sala e fecha a porta atrás de si, como se tencionasse ir para outra divisão esconder a cara numa almofada grande e fofa e gritar com todas as suas forças.

– Estás a ver o que fizeste? – acusa a Avozinha.

– Eu? Foste TU!

Por fim, aparece uma mulher-polícia corpulenta com olhos verdes penetrantes. Não parece ser a primeira vez que se cruza com a Avozinha, porque sorri daquela forma cansada, tão típica das pessoas que conhecem a Avozinha, antes de lhe pedir:

– Tem de se deixar destas coisas. Temos criminosos a sério com que nos preocuparmos.

A Avozinha resmunga: «Vocês é que têm de se deixar destas coisas» e, por fim, deixam-nas ir para casa.

Enquanto esperam pela mãe no passeio em frente da esquadra, Elsa enfia os dedos no rasgão do cachecol, que atravessa o emblema dos Gryffindor. Tenta com todas as suas forças não chorar, ainda que sem sucesso.

– Oh, deixa lá, a tua mãe consegue remendar isso – assegura-lhe a Avozinha em tom falsamente animado, dando-lhe uma palmadinha no ombro.

Elsa ergue o rosto para ela, ansiosa.

– E, se calhar... podemos dizer à tua mãe que o cachecol se rasgou quando estavas a tentar impedir-me de trepar a cerca dos macacos.

Elsa assente e passa de novo os dedos pelo cachecol. Não se rasgou quando a Avozinha estava a trepar a cerca. Rasgou-se na escola, quando três miúdas mais velhas, que odeiam Elsa sem que ela compreenda bem porquê, a apanharam à saída do refeitório e lhe bateram, rasgando-lhe o cachecol e enfiando-o na sanita. Os seus risos de troça ainda ecoam na cabeça de Elsa. A Avozinha vê a expressão dos seus olhos e inclina-se para a frente antes de sussurrar na língua secreta:

– Um dia, levamos essas imbecis da tua escola para Miamas e atiramo-las aos leões!

Elsa limpa os olhos com as costas da mão e tenta sorrir.

– Não sou estúpida, Avozinha – murmura. – Sei que fizeste estes disparates todos esta noite para eu me esquecer do que aconteceu na escola.

A Avozinha dá um pontapé nas pedrinhas do chão e pigarreja.

– Não queria que este dia te ficasse na memória por causa do que aconteceu ao cachecol. Portanto pensei que, em vez disso, podias recordá-lo como o dia em que a tua Avozinha assaltou um jardim zoológico...

– E fugiu de um hospital – acrescenta Elsa com um sorriso.

– E fugiu de um hospital – confirma a Avozinha, sorrindo.

– E atirou cocó a um polícia.

– Na verdade, era terra! Ou quase só terra.

– Suponho que modificar memórias é um bom superpoder.

A Avozinha encolhe os ombros.

– Quando não conseguimos livrar-nos do mau, temos de o enterrar por baixo de mais *boazices*.

– Essa palavra não existe.

– Eu sei.

– Obrigada, Avozinha – agradece Elsa, encostando a cabeça ao braço dela.

A Avozinha assente com a cabeça, murmurando:

– Somos cavaleiras do reino de Miamas; temos de cumprir o nosso dever.

Porque todas as crianças de sete anos merecem super-heróis.

E quem não concordar precisa de um exame à cabeça.